

SOBRE AS DIFERENÇAS DE GÊNERO

BEAUVOIR, Simone; JEANSON, Francis. *Sur la différence des sexes*. In: LECARME-TABONE, Éliane e JEANNELLE, Jean-Louis (Org.). **Simone de Beauvoir, Cahiers de L'Herne**. Paris: Éditions de L'Herne, 2012. p.267-270.

Bárbara Bastos Sérgio do Nascimento *

Na entrevista analisada, e que compõe o volume de *Cahiers de L'Herne*, 2012, objeto de estudo desta resenha, Beauvoir tece críticas relevantes à cultura tanto para o seu tempo, quanto para a nossa atualidade. Antes de tudo, vale lembrar que esta entrevista se insere em duas outras concedidas a Francis Jeanson, publicadas em 1966, sob o título *Entretiens avec Simone de Beauvoir* e que compõe o livro **Simone de Beauvoir ou l'entreprise de vivre**. Paris, Éditions du Seuil, 1966. Como grande parte dos textos que integram o volume objeto de resenhas, *Cahiers de L'Herne*, de 2012, apresenta partes inéditas, nestas entrevistas em que Beauvoir e Jeanson discutem aspectos variados sobre a cultura, a existência, a literatura e a escritura. Há também no dito volume um excerto das entrevistas “J’ai été flouée”, no qual Beauvoir tenta mitigar o mal entendido provocado pelo Epílogo de *La force des choses*. Neste caso é a relação entre escritor e leitor, texto e leitor que se problematiza (BEAUVOIR, 2012, p. 228-231).

No excerto nomeado “Sur la différence des sexes”, é a própria questão já presente no título que mais se realça na entrevista concedida a Jeanson. Em primeiro lugar, o que parece ser mais expressivo é a preocupação da filósofa com a perquirição da mulher em seu tempo. Da leitura da entrevista, logo um primeiro quesito se impõe, se suas considerações nos dizem algo ainda hoje ou se são bastante anacrônicas frente aos passos do feminismo atual e das conquistas político-jurídicas das mulheres no século XXI.

* Graduanda em Direito pela Faculdade de Direito da PUCMINAS. Bolsista de pesquisa do FIP/PUCMINAS 2012-2013. Integrante do Grupo de Estudos sobre Simone de Beauvoir, coordenado pela Prof^a. Magda Guadalupe dos Santos, IFTDJ-PUCMINAS, desde 2012.

Simone de Beauvoir, no excerto da entrevista analisada, critica os significados atribuídos ao sexo feminino e faz uma revisão de seus postulados psicológicos, fisiológicos, entre outros, partindo do pressuposto de que todas as determinações sexistas são fatos culturais que precisam ser questionados, colocados em xeque. Vale frisar que, durante a referida entrevista, Beauvoir declarou-se radicalmente feminista, demonstrando, já como ponto de partida, o patamar epistemológico no qual dispõe palavras e sentidos, análises e evidências sociais e políticas, psicológicas e filosóficas.

Verifica-se que Beauvoir questiona as alegadas diferenças psicológicas e fisiológicas da mulher em relação ao homem. Não acredita na primeira diferença, de ordem psicológica, por não concordar com as ideias da psicologia determinista que mitifica a mulher de tempos em tempos, modelando seu comportamento a partir de determinações culturais. A segunda diferença, de ordem fisiológica, por sua vez, é rechaçada pela inexistência de um padrão hegemônico que coloque a mulher como pessoa incapaz de realizar determinadas tarefas em virtude da alegada compleição física desfavorável (BEAUVOIR, 2012, p.266ss). Tal constituição tão somente vocacionaria as mulheres a exercerem determinados papéis, tanto profissionais quanto familiares, sempre valorados como mais frágeis e débeis. As diferentes organizações de distintas civilizações comprovam que a plausibilidade desse critério é realmente nenhuma.

Como alternativa, Beauvoir propõe o conceito existencialista de *situação*. Caberia a cada um, com sua experiência pessoal, “ler” o mundo e se situar, a partir da educação que lhe foi concedida, para analisar os impactos desse mundo em sua forma de viver e conceber o que é relativo aos sexos. Critica ainda conceitos amplamente difundidos pelas sociedades, como os que preconizam que a mulher encontra-se no pólo passivo e o homem no ativo da relação, sejam taxados como naturais ou inerentes à condição humana, quando são apenas dependentes de construção cultural.

Ao desenvolver conceitos relacionados ao erotismo (BEAUVOIR, 2012, p.267), acentua sua manifestação de diferentes formas no masculino e no feminino, pois cada um desempenha certos papéis, sendo que estes não são suficientes – nem devem estabelecer uma diferença real em relação à maneira de cada um estar no mundo.

Sobre esse tema, também tratado em *O segundo sexo*, Beauvoir entende que houve uma regressão após a publicação daquela obra, no tocante a certas interpretações voltadas a

explicar o feminismo e, pois, dele discordar. Para exemplificar, reporta o caso da escritora Geneviève Gennari, que, ao publicar o “Dossiê da mulher”, remeteu a Ménie Grégorie, que classifica o feminismo como “démodé” (BEAUVOIR, 2010², p.268). lembrando, contudo, Betty Friedan, o que se deveria tentar seria mais propriamente rever o processo de re-mistificação da mulher, outrora já denunciado, no final dos anos 60 e início dos 70.

Simone de Beauvoir, por sua vez, não acredita dever-se cair num feminismo abstrato, crente, na feminilidade proveniente da natureza. Inspirando-se no pensamento de Betty Friedan, e acreditando no valor da liberdade humana, Beauvoir, indagada por Jeanson, responde que, segundo sua concepção de feminismo, a mulher pode ter filhos, um marido e uma casa para cuidar. O que ela não pode – nem deve fazer – é viver tal vida sob uma perspectiva de submissão e subjugação. Sua opção de ficar em casa não justifica um tratamento menos igualitário.

A respeito da igualdade, Beauvoir problematiza o alcance real de sua existência, pelo menos no plano material, pois as mulheres possuiriam diferentemente os sentimentos e fenômenos corporais. Mas caberia ao casal fazer esforços na tentativa de superar as adversidades, retirando do foco dialógico da vida em comum a análise da superioridade de um sexo sobre o outro, não devendo, pois, um deles tomar o outro como seu adversário (BEAUVOIR, 2012, p.269).

Ilustrando sua fala em *O Segundo Sexo*, Beauvoir não proíbe amar ao outro, mas manter os direitos e a certeza de igualdade. Não é o fato de o marido ser matemático que deverá fazer com que a esposa se sinta humilhada por ele ser melhor do que ela numa matéria específica. Pelo contrário, isso deveria fazer com que a esposa tivesse interesse em trazer novos assuntos, temas desconhecidos a ambos, pelo simples fato de poder fazê-lo e de tornar o diálogo a dois algo novo, fora dos padrões de capacidade, igualdade ou diferença entre os sexos.

Sobre a gravidez e o casamento, a filósofa percebe como o matrimônio tem um valor maior para as mulheres, e como a maternidade, quando a mulher cuida da criança e a ama, gera certa experiência de valor (BEAUVOIR, 2012, pp.269-230). Entretanto, o interesse de Beauvoir acerca do assunto perpassa mais pela psicanálise e pela análise do bebê. Acrescenta ainda ter visto maternidades problemáticas, mas responde às provocações de Jeanson, salientando sobre a importância da experiência de ser mãe ou de ser pai como

vivências bem distintas culturalmente, mas ambas geradoras de uma experiência nem um pouco alienante, antes bastante enriquecedora: “*peut être une expérience très intéressante et très enrichissante*” (BEAUVOIR, 2012, p.270).

Ao ler esse excerto da entrevista concedida por Simone de Beauvoir a Francis Jeanson, nos idos anos 60, indago se não vale sempre a pena retomar os velhos passos de *O segundo sexo* para se situar num mundo homens e mulheres sempre entendidos por seu sexo, dentro do estatuto de humanidade. Eis a questão deixada ou legada por Beauvoir, se a concepção sexista do mundo não nos torna todos e todas sujeitos de interrogação de nossa própria condição sexual de fêmeas e machos, redefinidos como homens e mulheres incapazes de problematizar continuamente nossa realidade, natureza, cultura e, sobretudo, nossa situação de mundanidade.

REFERÊNCIA

JEANSON, Francis. **Simone de Beauvoir ou l’Entreprise de vivre**. Paris: Seuil, 1966.